

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Letras - FALE

**Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino
de Leitura e Produção de Textos – PROLEITURA**

Antony Eduardo Galvão

ENSINO DE ARGUMENTAÇÃO: uma análise em livro didático da EJA

Belo Horizonte
2023

Antony Eduardo Galvão

ENSINO DE ARGUMENTAÇÃO: uma análise em livro didático da EJA

Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Leiva de Figueiredo Viana Leal

Belo Horizonte - MG

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO ALUNO ANTONY EDUARDO GALVÃO

Realizou-se, no dia 27 de fevereiro de 2023, às 14:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Ensino de argumentação: uma análise de livro didático da EJA*, apresentado por ANTONY EDUARDO GALVÃO, número de registro 2020741975, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal - Orientadora, Profa. Raquel Lima de Abreu Aoki (UFMG), Profa. Graciele Martins Lourenço.

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2023.

Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal (Doutora)

Profa. Raquel Lima de Abreu Aoki (Doutora)

Profa. Graciele Martins Lourenço (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Leiva de Figueiredo Viana Leal, Usuário Externo**, em 27/02/2023, às 21:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Lima de Abreu Aoki, Professora do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Graciele Martins Lourenço, Usuária Externa**, em 01/03/2023, às 19:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2069539** e o código CRC **D5E2B5F1**.

RESUMO

O trabalho em questão se refere a possíveis falhas no ensino da argumentação, bem como no desenvolvimento da capacidade de argumentar. É de conhecimento dos linguistas que a argumentação é um ato social e que faz parte do dia a dia das pessoas e, portanto, dos estudantes. Todos os indivíduos fazem uso da argumentação dentro de situações cotidianas, quando querem persuadir ou convencer alguém. Por isso, a argumentação precisa ser trabalhada no ambiente escolar. Para saber como a argumentação é ensinada em uma escola, foi escolhido um livro de Português da Coleção *Tempo de Aprender*, de 8º ano para o público de Educação de Jovens e Adultos (EJA) (2009). Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as práticas de ensino de argumentação na escola, especialmente, em livros para EJA. Como resultado da pesquisa, foi possível observar que a organização das unidades não favorece ao aluno a construção de um sentido sobre a argumentação, de modo que a sistematização do objeto de estudo fica subsumido em outras atividades que compõem as unidades.

Palavras-chave: Argumentação. Ensino. EJA. Livro didático.

Abstract:

The present dissertation refers to possible fails in the teaching of argumentation and development the capacity to argue. It's knowledge of the linguists that the argumentation is a social act and is a part of people routine and therefore the students. All individuals use the argumentation during daily situations when they want convince or persuade someone. Because of that the argumentation need to be crafted inside the schools. To know how the argumentation is teaching in a school were chosen a book in portuguese to the collection; *Tempo de Aprender*, de 8º ano (EJA) (2009). Thus the geral objective of the searching is analise the practices of teaching the argumentation inside schools specially in books for EJA (Education for adults and teenagers). With result of the searching were made possible to observe that: the organization of the units don't further the student construct a sense about argumentation, such the systematization to study object stay presumed in others activities that's compose the units.

.

Key words: Argumentation, Teaching, EJA, Didactic Book.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa dos livros	20
Figura 2 – Árvore da paz	23
Figura 3 – Boxe de argumentos	24
Figura 4 – Orientações para a produção do artigo de opinião	26

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2- REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1- Língua e Linguagem.....	9
2.2 Argumentação: conceitos e fundamentos	11
2.3 Tipos de argumentos	13
2.4 Argumentação sob o ponto de vista da nova retórica.....	15
3- A PRESENÇA DO ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO EM MATERIAIS DIDÁTICOS	20
3.1- Análise do capítulo 3 “ <i>quem sabe faz a hora...</i> ”.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29
ANEXO	31

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho discorre sobre possíveis falhas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no ensino e no desenvolvimento de capacidades argumentativas, sendo inquietações e questionamentos nascidos da minha experiência enquanto docente. É verificado pelos professores de Língua Portuguesa, geralmente, que, no ambiente escolar, por vezes, os alunos nem sempre conseguem apresentar um posicionamento, quando o que está em questão é a argumentação.

Minha hipótese é a de que isso pode ser decorrente das práticas de paráfrase¹, tanto no ensino de leitura quanto no de escrita, que podem se basear em discursos de configuração autoritária, que cerceiam ao aluno o direito à expressão de sua voz e fazem com que os alunos apenas reproduzam os sentidos dados pelo professor ou pelos livros didáticos. Ou seja, na maioria das vezes, o professor não é questionado pelos alunos, dadas as circunstâncias de falta de interação. Alunos não se manifestam com suas contra-palavras, enfim, não há questionamentos nem dúvidas sobre o que é dito ou conduzido pelo professor.

Nas palavras de Ribeiro (2016), a argumentação é uma atitude social que está presente no cotidiano dos sujeitos e, portanto, dos alunos. Todos os estudantes argumentam em várias circunstâncias, como, por exemplo, em debates, na produção de textos opinativos, nas modalidades oral e escrita, em comentários, mesmo em uma conversa do cotidiano, em que necessita apresentar uma defesa ou uma confrontação. Dessa forma, a capacidade de argumentação, tão necessária aos dias de hoje, não é desenvolvida na escola, sendo que essa prática precisaria ser defendida e incentivada no ambiente escolar desde os anos iniciais.

Pacífico (2013) assegura que a argumentação é compreendida como uma atividade que pertence à esfera discursiva e social, que se concretiza pela defesa de pontos de vista, com o objetivo de aumentar ou diminuir a aceitação das opiniões que estarão em questão.

No entanto, a leitura e a escrita na escola, em sua grande maioria, são trabalhadas fora do contexto discursivo, em que os alunos são levados a decorar a lista dos tipos de argumento e lista dos conectores de encadeamento de ideias e a de operadores argumentativos, como “até”, “mesmo”, “portanto”, “logo”, “em consequência”, “a fim de que”, dentre vários outros.

Diante de práticas como essa, de considerar a leitura e a escrita somente como

¹ A paráfrase consiste na reescrita de um texto, mas mantendo sua essência em termos temáticos.

algo pragmático e sem interação, o desenvolvimento das capacidades argumentativas que permitam ao aluno chegar à competência argumentativa não se realiza.

Com base no que é apresentado acima, é possível observar que os alunos, em ambiente escolar, por vezes, não conseguem argumentar nem se posicionar, pois o que está em questão é a argumentação que requer a disputa do dizer. Muitas vezes, os estudantes tomam como base o discurso do professor e/ou do livro didático e, dessa forma, não lhes é permitido questionar nem duvidar. Por esse motivo, também, há possíveis falhas no que diz respeito à argumentação. Entretanto, vale ressaltar que esses estudantes são resultado do que recebem, com exceções, pois alguns alunos conseguem argumentar, apesar dessas amarras. Na verdade, é impossível matar o sujeito da palavra. Muitos repetem o já dito, como jogo percebido na escola, outros vão além, na busca do direito de dizer a sua palavra.

Diante do exposto são apresentados os objetivos deste TCC:

Geral: analisar as práticas de ensino de argumentação na Educação de Jovens e Adultos em livros para EJA para 8º ano.

Específicos:

- Compreender a noção de argumentação;
- Analisar como o texto argumentativo é apresentado como objeto de ensino.
- Verificar como o texto argumentativo é representado nas séries finais do ensino fundamental para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), em um livro para 8º ano.
- Analisar a presença e a coerência da proposta didática do livro no ensino da argumentação.

Para atingir estes objetivos foram utilizados autores que abordavam sobre argumentação e retórica, tais como: Bakhtin, Amossy, Fiorin, Oliveira e Bessa e outros. Este TCC se organiza nas seguintes partes: introdução, referencial teórico, análise da presença do ensino da argumentação em materiais didáticos, a abordagem dos textos argumentativos, nos dois capítulos da unidade 2, do livro didático do 8º ano, para EJA (Educação de Jovens e Adultos), da coleção *Tempo de Aprender: Língua Portuguesa* (2009) e uma conclusão.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

2.1- Língua e Linguagem

Levando em consideração a língua como um meio de comunicação dos falantes, é preciso estabelecer determinadas considerações sobre ela, pois, além de ser um objeto de utilização dos falantes, ela é um objeto de poder. Parece difícil definir ou chegar a um conceito sobre o que é língua, porém há diversos estudos sobre isso, porque se trata de um assunto complexo. Para Saussure (1970), a língua é um objeto de natureza concreta. Esta é um sistema de signos², um grupo de unidades que tem relação com o significante (imagem acústica) e o significado (conceito).

De um lado, o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua. (...) A língua [é] um sistema em que os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros (SAUSSURE, 2002, p. 133).

Ademais, não pode ser vista como um sistema imutável, fechado, pois está sempre em mudança em função de quem fala, do tempo, da sociedade e do espaço.

Vale a pena destacar aqui a concepção de língua defendida por Marcuschi:

A língua é um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas. [...]. Tomo a língua como um sistema de práticas cognitivas abertas, flexíveis, criativas e indeterminadas quanto à informação ou estrutura. De outro ponto de vista, pode-se dizer que a língua é um sistema de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sobre a qual atua, sendo-lhe parcialmente prévio e parcialmente dependente esse contexto em que se situa. Em suma, a língua é um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes (escritores/leitores) agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância (MARCUSCHI, 2008, p. 61)

Ao contrário de língua, a linguagem, do ponto de vista sociocultural, passa por transformações, pois surgem ou se modificam ano após ano, com novas palavras e novas expressões e se movimentam e transitam em contextos diferentes, em variações e configurações diferentes.

Segundo Bagno (2006), a linguagem pode ser considerada em duas escolhas: faculdade cognitiva que possibilita que cada sujeito represente e expresse a sua

² O signo linguístico é a relação que se estabelece entre um significante e um significado.

vivência e consiga produzir conhecimento. A segunda acepção se refere ao sistema de signos usados pelos indivíduos na produção de sentidos e de conhecimento. Assim, a função da linguagem reside na habilidade de conseguir organizar o pensamento, defendido por Vygotsky.

Entretanto, não se trata de somente organizar o pensamento, pois isso não é suficiente. A linguagem é um modo muito particular de interação, que permite um diálogo entre de um locutor a um interlocutor. Por meio dela é que o indivíduo pratica ações que não conseguiria praticar sem falar, porém, é válido lembrar que há pessoas não oralizadas que se comunicam por línguas de sinais e outras linguagens.

A verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem. (BAKHTIN, 1986, p. 123).

Enfim, a linguagem é discurso, ou seja, é efeito de sentido entre interlocutores em uma dada situação de interação humana. Com efeito,

Os discursos disseminam-se pelo tecido social, infiltram-se nas fábricas, nas escolas, nos lares, nos programas televisivos, nas conversas cotidianas, nas universidades, nas academias de ginástica, nos hospícios, nas prisões, nos jogos de videogame, nas marcas e nas campanhas publicitárias, nas páginas dos jornais, sem limitar-se a nenhuma dessas maquinarias. Com suas regras internas e externas, os discursos organizam e ordenam os sentidos por onde passam. (FERREIRA e TRAVERSIANE, 2013)

Para Oliveira e Bessa (2020), quando se pensa a linguagem, esta pode ser de forma e manifestação dialógica, assumindo que na atividade de interação humana não existe uma primeira palavra nem a última, pois toda interação se encontra nas palavras do outro e, inevitavelmente, entram em uma viva interação de vozes sociais. O encontro com a palavra do outro sujeito é o momento que se formam os sentidos, as intencionalidades.

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de aprender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (ORLANDI, 2009, p. 30).

O diálogo apenas pode se formar a partir de dois interlocutores socialmente organizados. Isso é um ato que não pode se separar na ocorrência da interação. Além de se constituir no quesito do já-dito, o enunciado se concretiza com as ações responsivas do interlocutor, mesmo que não esteja presente de maneira física, mas participa da circunstância imediata de interlocução. Em resumo, o enunciado se volta para uma reação resposta imediata, isto é, é como se ele se formasse no encontro de uma resposta (VOLOCHINOV, 2017).

O papel do outro é ativo e indiscutível na etapa de construção do sentido, não havendo enunciado nem enunciação sem que exista um interlocutor para se dirigir. Para que se possa compreender o que é dito e o modo como é dito, é preciso levar em consideração alguns fatores, além dos que se configuram como linguísticos, isto é, a proporção restrita das características gramaticais e abstratas que não são suficientes para abarcar o enunciado. Isso significa dizer que os possíveis sentidos de um enunciado vão além dos significados que o material linguístico é capaz de apresentar (OLIVEIRA; BESSA, 2020).

Para Volochinov (2017), a circunstância constrói, elabora e forma as enunciações, de uma maneira ou de outra. Além disso, nas palavras do autor, este é irrepitível e cada texto é individual, único e particular, e é nisso que está todo o seu sentido, a intenção pela qual ele foi criado, chegando-se, assim, à enunciação, que é irrepitível. Essa irrepitibilidade é que torna singular todo ato de enunciação e se inscrevem e se relacionam com a verdade e a história.

Os dizeres ganham sentido na cadeia comunicativa do discurso, em condições efetivas de uso e como resultado do embate ideológico e dialógico de enunciados anteriores e posteriores, nascendo em um certo momento da história em uma situação social específica (OLIVEIRA; BESSA, 2020).

Esses recortes teóricos devem ser apreendidos pelos professores, de modo que possa alçar o aluno à condição de sujeito do discurso. O aluno precisa entender as condições de produção de texto, seja como leitor, seja como produtor de texto. “Um olhar lançado sobre um texto do ponto de vista de sua estruturação em língua faz dele um enunciado; um estudo linguístico das condições de produção desse texto fará dele um discurso.” (GUESPIN, 1971:10)

2.2 Argumentação: conceitos e fundamentos

Para Abreu (2003), argumentar é a arte de convencer e persuadir. Convencer

é “gerenciar informação”, falar à razão do outro, demonstrando, provando; é construir algo no campo das ideias; é fazer o outro pensar como nós. Persuadir é saber gerenciar a relação, falar à emoção do outro; é construir no terreno das emoções; é “sensibilizar o outro a agir” (ABREU, 2003, p. 25)

É válido ressaltar que não tem como pensar a argumentação sem fazer referência à retórica, especialmente, na atitude de argumentar que é compreendida como uma maneira de gerenciar o discurso para ter resultados efetivos em relação às práticas sociais, o que é retomado, de modo muito particular e inovador, pela pesquisadora Ruth Amossy.

Conforme Fiorin (2015), a argumentação contempla a demonstração, porém não fica restrita a ela, de modo que trabalha com o que é plausível, possível e provável e não apenas com o que é necessariamente verdadeiro. Argumentar, para Fiorin (2015), é fornecer razões em favor de uma tese.

Em relação à argumentação, em uma obra do teórico Paulo Serra (1995) ele menciona que o livro *La Preuve et le Dire*³ (1973) apresenta a argumentação como uma lógica da linguagem, compreendendo-a como um grupo de normas internas ao discurso, as quais são regras que governam o encadeamento dos enunciados que formam esse discurso. Vale ressaltar, de acordo com o mesmo autor, que o enunciado é argumentativo por si só, não pelo que é dito em relação ao mundo, mas pelo que se considera sobre si mesmo.

Fernandes, Rodrigues e Ferreira (2018) mencionam que na literatura se encontram diversas definições para argumento e argumentação. Esses termos podem gerar confusão. “Argumento” diz respeito aos artefatos que um aluno ou grupo de alunos cria quando é pedido que justifique uma afirmação ou explicação. Já “argumentação” se refere às etapas de construção dos artefatos.

Vale ressaltar que o primeiro aspecto do argumento é, principalmente, a maneira como nasce organizado e estruturado nas falas dos sujeitos no processo de argumentação. A análise das estruturas de argumentos dos alunos costuma fornecer forma e tipo de raciocínio que esses sujeitos formalizam cognitivamente. (FERNANDES, RODRIGUES; FERREIRA, 2018).

Fernandes, Rodrigues e Ferreira (2018) fazem a utilização de três códigos, sendo: (i) afirmação, (ii) fundamentação e (iii) refutação. Além disso, o fundamento essencial consiste em detectar bons argumentos. Dessa forma, alguns teóricos

³ A Prova do Dizer (1973).

buscam caracterizar a qualidade do argumento. Essa qualidade se define em noção de presença e natureza das refutações que são manifestadas entre os sujeitos.

Um outro aspecto relevante da argumentação se relaciona ao processo de estímulo, movimento e progressão. Há uma demanda de planejamento por parte do sujeito, e dentro da sala de aula por parte do professor, na condução dos atos, levando em consideração o desenvolvimento da argumentação e da capacidade do aluno para que esse argumento aconteça (FERNANDES, RODRIGUES; FERREIRA, 2018).

As contribuições das teorias sobre argumentação colaboram na melhoria das práticas de ensino sobre argumentação em sala de aula. Lembrando que, em primeiro lugar, como já foi apresentado antes, são as condições de produção do discurso. Essas devem estar bem delineadas e claras: sobre o quê falo, para quem falo, para que falo, com qual gênero discursivo, com qual linguagem e estilo, onde circulará? Produtos de uma condição de produção adequada podem ser avaliados na qualidade de seus argumentos e na importância deles em relação ao objetivo pretendido. Pode-se afirmar que o requisito para avaliar a qualidade de um argumento inclui a profundidade da explicação que é dada. Além disso, os fundamentos que são utilizados, a apropriação dos exemplos colocados como justificativa e a presença ou não de contra-argumentos demonstram o modo como o sujeito da escrita tematiza e organiza seu discurso em prol do convencimento ou da persuasão.

Outro ponto relevante se dá na questão de ilustrar o fundamento sobre a progressão e o movimento do argumento. Nesse sentido, Berland e Reiser (2011) apresentam um estudo referente ao movimento do discurso e, conforme resultado de suas pesquisas, os argumentos nascem das descrições do processo de argumento dentro da sala de aula, no qual os alunos estão inseridos.

2.3 Tipos de argumentos

Soueid (2013) menciona que as teorias sobre argumentação apontam que os tipos de argumentos são: argumento de autoridade; argumento por causa e consequência; argumento de exemplificação; argumento de prova concreta; argumento por analogia; argumento de senso comum e argumento de fuga.

O argumento de autoridade se refere à ideia que se sustenta por uma citação de uma fonte confiável, podendo ser dita por um especialista no assunto ou uma instituição de pesquisa. A citação contribui para deixar o texto mais consistente. Exemplo: "De acordo com Aristóteles, a poética se trata de..."

Em relação ao argumento de causa e consequência, este é utilizado para que se possa provar uma tese, podendo buscar as relações de causa (motivo) e consequência (os efeitos) (SOUEID, 2013). Exemplo: “Em decorrência da pandemia da Covid-19, a taxa de desemprego se elevou, intensificando a crise econômica e aumentando o fosso social entre pobres e ricos no Brasil.”

Em se tratando de argumento de exemplificação, esse se refere ao relato de um caso real ou de ficção. Esse tipo de argumento é bastante usado em teses que são bastante teóricas e precisa de esclarecimento com informações concretas (SOUEID, 2013). Exemplo: “Sistemas públicos de saúde são constituídos como forma de garantir atendimento a toda população de um país. Podemos citar como exemplo o SUS do Brasil.”

O argumento de provas concretas diz respeito aos argumentos que tomam como base as provas concretas e procura evidenciar a tese por meio de dados concretos, extraídos da realidade (SOUEID, 2013). Exemplo: “De acordo com o jornal Folha de São Paulo, o Brasil conta com mais de 65% de sua população totalmente imunizada contra a Covid-19. ”

Já o argumento por analogia é o argumento que pressupõe que deve tratar alguma coisa de forma igual, em circunstâncias iguais (SOUEID, 2013). Exemplo: “Se somos como vós no resto, também nos assemelharemos nisto. ” (Shakespeare, O Mercador de Veneza).

Partindo para o argumento de senso comum, esse irá trazer uma afirmação que caracteriza o consenso. São bastante usados para defender uma opinião, um ponto de vista (SOUEID, 2013). Exemplos: “o homem depende do ambiente para viver” ou “a mulher de hoje ocupa um papel social diferente da mulher do século XIX”

Por fim, o argumento de fuga, por exemplo, se vale do retórico para fugir das discussões centrais, em que os argumentos vão se prevalecer, fazendo um apelo para a regra da subjetividade (SOUEID, 2013). Exemplo: “Voto nele porque ele rouba, mas faz. ”

Dentro da sala de aula, por exemplo, grande parte dos estudantes têm mais facilidade em trabalhar com argumentos por exemplificação. Assim como o nome sugere, o estudante opera trazendo exemplos ao texto, associando a sua tese a algum acontecimento. No entanto, se bem conduzidos, alunos elaboram e identificam esses diferentes tipos de argumento. Certamente, a compreensão do valor desses argumentos e de seus usos poderão ser desenvolvidos em atividades de produção de

diferentes gêneros discursivos.

2.4 Argumentação sob o ponto de vista da nova retórica

Iniciando a discussão com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), é possível observar a abordagem da argumentação no discurso, compreendendo o processo argumentativo como uma prática social. É sabido por estudantes das línguas que no sistema da língua não existe neutralidade e os discursos, sendo eles argumentativos ou não, podem refletir posições ideológicas.

Sob essa perspectiva, os autores acima asseguram que a linguagem, além de ser um meio de comunicação, também é uma ferramenta de atuação sobre as mentes e sobre formas de persuasão. Isso direciona o pensamento para a compreensão de que a argumentação se faz presente em qualquer e toda atividade do discurso.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) concebem o seu estudo sobre argumentação à chamada Nova Retórica. Além de prestar uma homenagem à tradição, a obra também demonstra a preocupação dos autores em deixar evidente a aproximação que existe entre a sua teoria e a retórica de Aristóteles.

A principal razão da aproximação entre as teorias é a ênfase dada à questão de que em um público qualquer, a argumentação acontece. Para Aristóteles, o auditório, mais que o próprio orador, ponto central da atividade discursiva com o que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) concordam, pode ser persuadido, fazendo com que este formule um juízo sobre a circunstância a que ele se apresenta.

Uma das pesquisadoras mais reconhecidas hoje na literatura que trata da Retórica e da Nova Retórica, em função da Argumentação é a pesquisadora israelense Ruth Amossy. Para essa autora (2002), é necessário que a construção argumentativa seja a mais próxima possível da realidade do outro. Amossy (2002) ressalta ainda que é preciso levar em consideração novos contextos em que se sucedem as interações sociais e discursivas, com distintas visões de mundo, que resultam em produtos de culturas diferentes.

Amossy (2002) cita que procura reunir uma proporção filosófica da argumentação, em especial, em sua linha retórica (Aristóteles) e neoretórica (Perelman), uma grandeza linguístico-discursiva, com objetivo da elaboração de um método de análise argumentativa. A autora busca soluções para uma demarcação das áreas de interesse da retórica e análise do discurso. Nessa perspectiva, é Amossy quem distingue as dimensões da argumentação: dimensão argumentativa e visada

argumentativa. A primeira intenciona argumentar para obter adesão ao seu ponto de vista, convencer. Já, a segunda possui natureza argumentativa, mas despojada de convencimento.

Nas palavras de Paulinelli (2014), a retórica, nesse sentido, tem interesse somente por discursos que têm o propósito de persuasão, ao passo que a análise do discurso contempla estudos de natureza mais variada, com o objetivo de apanhar a articulação entre um dispositivo de enunciação e uma organização de texto. Vale ressaltar, que poderia haver diferenças em relação aos objetos de estudo de um e outro campo, enquanto a retórica tem o foco nas estratégias argumentativas e a análise do discurso estuda todo o discurso onde ele se desenvolve.

Se considerarmos a interação verbal como um jogo, é possível compreender que todo discurso tende a agir sobre o outro, levando-o a refletir e pensar de determinada maneira. Porém é importante lembrar que nem todo discurso tem a mesma visada e/ou intencionalidade.

Amossy (2002) menciona que a obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) está adaptada aos recursos linguísticos discursivos na sua faceta enunciativa e pragmática, no que tange à atenção fornecida às circunstâncias de enunciação. Na obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca, quando apresentam a nova retórica não é como um sistema à forma estruturalista, mas como um contexto de troca entre parceiros no discurso, o qual visa a ação sobre o outro por meio da palavra.

Para Amossy (2002), a retórica averigua a linguagem em situação, na sua proporção intersubjetiva, a qual implica um outro, mesmo quando não está explícito nas marcas da língua. Em resumo, todo enunciado se direciona a um auditório, mesmo em monólogos. Segundo essa autora, a argumentação é “[...] entendida como a tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário” (AMOSSY, 2011, p. 130).

A argumentação, no ponto de vista de Oliveira e Bessa (2017), está presente no discurso de maneira inseparável, entendendo as características sócio-históricas e discursivas que se instituem na formação de ideias criadas por interlocutores em seus procedimentos de interação comunicativa. Como menciona o autor, a seguir, a argumentação pode ser apontada como um aspecto da linguagem, independentemente de qualquer gênero do discurso.

Na medida em que um discurso é sempre um discurso sobre outro discurso, todos os discursos são argumentativos, pois todos eles fazem parte de uma

controvérsia, refutando, apoiando, contestando, sustentando, contradizendo um dado posicionamento (FIORIN, p. 29, 2016).

É possível compreender, assim, que a ação de argumentar pode ser vista como a maneira em que alguém se posiciona na vida, debatendo com outros discursos, de modo que os próprios discursos são uma resposta aos outros discursos. É válido ressaltar que a argumentação está sempre presente em todos os acontecimentos discursivos, pois os discursos servem para convencer ou persuadir o outro.

No ambiente escolar, a argumentação, muitas vezes, é vista como um quebra-cabeça de duas peças, em que um nível mais especializado da argumentação é o reconhecimento do contraditório adepto ao movimento de contra argumentar. Argumentar no ambiente escolar significa dizer que o processo de raciocínio da argumentação precisa ser tratada como um processo de desenvolvimento das estruturas do pensamento.

Argumentar é humano. Oralmente ou por escrito, em nossas interações, estamos argumentando. Aprendemos a argumentar muito antes do que nos ensinam na escola: nas conversas nossas de cada dia com nossos pais, irmãos, amigos, conhecidos; nas brincadeiras de que participamos e nas histórias que ouvimos, em algum momento, somos solicitados a nos posicionar, a emitir uma opinião, a assumir um ponto de vista. (KOCH; ELIAS, 2018, p. 9)

É possível assegurar que em determinados textos, por exemplo, são apresentados aspectos de argumentatividade de maneira mais acentuada e as produções textuais são criadas para uma comunicação, a qual o maior impasse é o de convencer alguém. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) mencionam que na criação da argumentação, o locutor necessita pensar sobre os argumentos que precisam levar o interlocutor a ser influenciado por seu ponto de vista.

Quando os textos são pensados com o intuito de persuadir, a articulação na escolha dos argumentos começa a ser mais criteriosa, pois se considera a aceitação do ouvinte como foco central. De acordo com esse ponto de vista, os autores, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), garantem que a finalidade de todo discurso argumentativo é provocar ou aumentar a aceitação das teses. Dessa forma, os recursos retóricos preparados para formar esses enunciados devem interessar os interlocutores, a fim de gerar convencimento da posição manifestada pelo enunciador.

É preciso ter conhecimento da importância de conhecer o outro, a quem pretende persuadir ou convencer, pois é tendo conhecimento do receptor que o enunciador faz as escolhas das palavras a serem usadas e dos argumentos mais adequados ao convencimento de seu interlocutor. (PERELMAN; OLBRECHTS-

TYTECA, 2014).

Ainda sob a perspectiva de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), pensando dessa maneira, a questão de argumentação é entendida como a ação em articular um grupo de saberes e estratégias para uma atividade comunicativa eficiente, apropriada à circunstância de comunicação ao receptor. Determinados argumentos e técnicas de argumentação podem ser eficazes em certas situações de comunicação e em outros não. A seguir, serão vistas algumas técnicas e argumentos.

Os argumentos quase-lógicos	Compreendem técnicas amparadas em princípios lógicos; são comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos. Englobam regras de justiça, reciprocidade, definição, contradição, incompatibilidade, de transitividade e de comparação.
Os argumentos baseados na estrutura do real	São aqueles que estabelecem uma relação que se baseia em dados da realidade do interlocutor. Compreendem ligações de sucessão, ligações de coexistência e ligações simbólicas.
Os argumentos que fundam a estrutura do real	Buscam fundamentos para estruturar o real. Usam o fundamento pelo caso particular (argumentos pelo exemplo, ilustração, modelo/antimodelo), e pelo raciocínio por analogia (busca esclarecer, provar a partir de uma semelhança de relações).
A dissociação das noções	Consiste em dissociar, decompor incompatibilidades presentes na tese defendida, ou seja, unifica os elementos da tese fazendo remanejamento de dados conceituais que servem de fundamentos para a argumentação.

Fonte: Oliveira e Bessa (2019).

Com base no quadro, pode-se perceber que não é suficiente que o locutor conhecer seu interlocutor, mas ter, também, um bom conhecimento sobre os tipos de argumentos, já citados antes: argumento de autoridade; argumento por causa e consequência; argumento de exemplificação; argumento de prova concreta; argumento por analogia; argumento de senso comum e argumento de fuga. Para ter êxito, o enunciador deve conhecer o auditório⁴ ao qual vai se dirigir para que se faça

⁴ Público.

entender. O público é determinante para o locutor fazer a seleção dos argumentos, a fim de defender sua tese.

A partir da tese são organizados os argumentos e, utilizando-se de técnicas argumentativas e de movimentos retóricos, planifica o texto de modo a conseguir aceitação. Isso significa dizer que a maneira de organização e funcionamento de um texto de persuasão implica na seleção das técnicas de argumentação que sejam criadas com recursos para alcançar a especificação de maneira de interação a qual se projeta (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014).

Do que até aqui se procurou alinhar, destaca-se o pensamento de Koch a respeito da importância da argumentação:

Quando interagimos através da linguagem, temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outros(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais). É por isso que se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa. Ora, toda língua possui, em sua Gramática, mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados: a argumentatividade está inscrita na própria língua. É a esses mecanismos que se costuma denominar marcas linguísticas da argumentação. (KOCH, 2011, p. 21)

3- A PRESENÇA DO ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO EM MATERIAIS DIDÁTICOS

A finalidade desta seção é identificar a abordagem dos textos argumentativos, nos dois capítulos da unidade 2, do livro didático do 8º ano, para EJA (Educação de Jovens e Adultos), da coleção *Tempo de Aprender: Língua Portuguesa* (2009). O trabalho com o texto argumentativo está concentrado na unidade 2, intitulada “Cultura da Paz”, composta pelos capítulos 3 e 4. Vale ressaltar que a escolha deste livro se deu em razão do trabalho desenvolvido com a EJA.

A coleção *Tempo de Aprender – Educação de Jovens e Adultos* (2009) é composta por 4 volumes e cada um diz respeito a um ano do segundo segmento do ensino fundamental da EJA (6º, 7º, 8º e 9º ano) e contém as disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências Naturais, Artes e Língua Inglesa, norteados por uma proposta pedagógica interdisciplinar.

Figura 1 – Capa dos livros



Fonte: *Coleção Tempo de Aprender, língua portuguesa, 2009.*

O foco na argumentação é notado nas atividades de escrita e leitura que formam a unidade, apresentando exercícios de reflexão linguística e de oralidade para o desenvolvimento da argumentação.

3.1- Análise do capítulo 3 “quem sabe faz a hora...”

O título do capítulo diz respeito à letra da música “Pra não dizer que não falei das flores”⁵, de Geraldo Vandré. A canção foi composta em 1968 e sofreu censura na

⁵ Verificar anexo ao final.

época da ditadura militar do Brasil, por ser vista como uma chamada à luta armada contra os ditadores. Geraldo Vandré, nesse período, foi obrigado a se exilar.

O contexto histórico da canção não foi destacado nas atividades. Essa lacuna, de algum modo, impedirá que os alunos construam um entendimento do que a canção expressa. O país vivia anos duros de ditadura, em que a censura à liberdade de expressão reinava. Muitos presos, torturados e mortos nos porões da ditadura. Com efeito, essa canção foi um hino de aceno e conclamação à luta contra o que acontecia no país.

A escolha do título marca uma relação de uma fase histórica de posicionamento ideológico e político. Para ter uma visualização das atividades e dos conteúdos propostos no capítulo em questão, apresentam-se os destaques das seções do livro didático:

- **Para começo de conversa:** é analisada uma figura por meio de três questões sobre os elementos visuais e verbais, função social do gênero e os possíveis destinatários para a mensagem contida na imagem;
- **Desvendando o tema – Trabalhando com texto – Antes de ler:** leitura do ensaio *A paz se constrói a cada instante*, de Brigitte Labbé e Michel Puech;
- **Por dentro do texto:** são elaboradas nove perguntas de compreensão no que tange ao assunto do ensaio, com foco em detectar a opinião dos autores e na reflexão sobre forma de defesa dessas opiniões;
- **Você sabia?** Um quadro com a noção de argumento, objetivo e suas formas;
- **Sua vez...** três questões para conseguir identificar o efeito da argumentação dos conceitos apresentados;
- **Um olhar para a língua:** análise linguística de expressões de lugar e tempo escolhidas do ensaio;
- **Você sabia?** Quadro com a definição e exemplos de advérbios e de locuções adverbiais;
- **Aprofundando o tema: Antes de ler:** recomendação de pesquisa sobre a vida e obra de Clara Nunes e Oduvaldo Viana Filho. Essa pesquisa é solicitada, porque esses artistas são citados no poema de Ferreira Gullar.
- **Texto:** Leitura do poema “*Digo sim*”, de Ferreira Gullar. O referido poema foi escrito como manifestação de luta contra a opressão do sistema da época. Em

meio a tanta dor, a tanta violência, a tanta morte, a voz do texto diz que é preciso, em meio ao terror, dizer SIM. Sim à luta, sim à não aceitação da ditadura.

- **Por dentro do texto:** dez questões de interpretação do poema.
- **Você sabia?** Quadro com definições e exemplos de metáfora, comparação e antítese;
- **Um olhar para a língua:** análise linguística realizada em seis questões que contemplam os advérbios retirados do poema.
- **Você sabia?** Quadro com exemplos das palavras que o advérbio modifica;
- **Você sabia?** Quadro com definição e exemplos dos tipos de advérbios;
- **Trocando ideias:** proposta de troca de informações sobre ações sociais que os alunos conheçam;
- **Ampliando o tema – Trabalhando com texto:** leitura de um artigo de opinião, intitulado *Ordem nos presídios*, de Maurício Zanoide de Moraes, publicado na Folha de S. Paulo em 20 de maio de 2006. Este texto questiona a violência dentro dos presídios e a cometida por policiais, nos presídios, em defesa de que violência gera mais violência.
- **Por dentro do texto:** dez questões de interpretação sobre o artigo lido, com o foco em detectar e analisar os argumentos usados pelo autor;
- **Você sabia?** Quadro com a definição de tese e contra-argumentos;
- **Tramando textos e ideias:** sugestão de produção escrita de artigo de opinião, ofertando cinco orientações para direcionar a escrita;
- **Avaliando a produção:** seis perguntas para avaliar a escrita, com foco na apresentação das ideias, argumentos, palavras de ligação e ortografia;
- **Circulação do texto:** proposta para divulgação dos textos em outras turmas da escola.

O capítulo 3, em questão, começa com “Pra começo de conversa”, no qual existe uma proposta de debate inicial, a partir da observação de uma imagem.

Figura 2 – Árvore da paz



Fonte: Coleção *Tempo de Aprender*, Livro do aluno, p. 49.

O debate com os alunos e o professor se dá a partir dos estímulos das seguintes perguntas: “Quais os elementos visuais e verbais em destaque na ilustração? Qual é função social desse gênero de texto? Com que intenção ele foi escrito? A quem você enviaria uma mensagem como essa?” (SILVA et al, 2009, p. 49).

A partir da verificação das palavras em diferentes línguas, os alunos podem fazer inferência de que a paz é uma temática universal e pode ser transmitida e entendida por diversos sujeitos de culturas e países distintos na observação da imagem (árvore de Natal). Ainda, o estudante pode concluir que o gênero discursivo não mencionado é um cartão de Natal.

Para fins de estudo e entendimento da análise do livro são apresentadas nove questões. As cinco primeiras tratam sobre a paz, como esta acontece, as ações apresentadas no texto, como é conquistada e como é possível construir um mundo de paz.

1. Segundo o texto, a paz é algo que acontece espontaneamente? Justifique.
 2. Quais ações apontadas no texto semeiam paz entre as pessoas?
 3. A conquista da paz é a garantia de que ela se estabeleceu definitivamente? Comente.
 4. A luta pela paz é necessária apenas diante das grandes guerras ou também nas pequenas situações do dia a dia? Por quê?
 5. O que você faz ou pode fazer para construir um mundo pacífico?
- (SILVA et al, 2009, p. 51).

As últimas perguntas focam na identificação da opinião dos autores. Na pergunta 6, é mostrado o título do texto. Na questão 7, existem 5 alternativas para eleger a afirmação que englobe o sentido geral do texto. Por fim, as questões 8 e 9 colaboram para que o estudante note a necessidade de defender um ponto de vista.

1. Releia o trecho [...] nesse trecho, os autores defendem uma opinião?

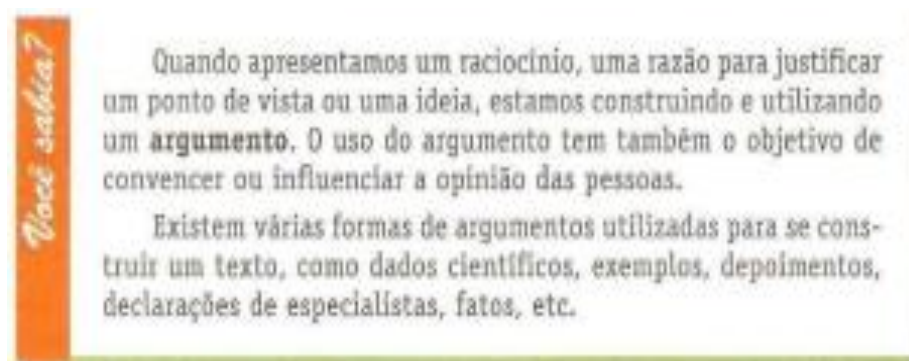
Comente.

2. Assinale a afirmação que está de acordo com a opinião do texto [...] para os autores defenderem uma opinião foi suficiente apenas apresentá-la? Justifique.

3. Por que usamos uma explicação para defender uma opinião, uma ideia?

Após as questões com uma observação de uma opinião, um boxe é colocado para sistematizar a definição de argumento. Com um discurso interativo, por parte dos autores, que se incluem na ação ao usar a 1ª pessoa do plural “apresentamos”, os estudantes são norteados a perceberem que a ação de defender uma opinião é uma fase de constituição de argumentos. A finalidade de determinadas formas de argumentos é indicada:

Figura 3 - Boxe de argumentos



Fonte: Coleção *Tempo de Aprender*, Livro do aluno, p. 52, vol. 3.

A seção denominada “sua vez...”, se organiza em três pontos e a atenção está em detectar o tipo de argumento e os exemplos de argumentação usados no texto.

1. Para fazer a sua argumentação, os autores do texto se utilizam do meio, que tipo de argumento?
2. Copie o quadro, a seguir, no caderno, completando-o com os exemplos que constituem a argumentação do texto (SILVA et al, 2009, p. 51).

No quadro, existem três ações que favorecem a formação da paz: “aprender com a história”, “dialogar com o diferente” e “reagir diante das injustiças”. Essas ações são entendidas pelos autores do livro como argumento.

Para conseguir justificar esse ponto de vista, é feito uso de exemplos no texto que os estudantes os encontrem e escrevam no quadro. Essas circunstâncias particulares colocadas pelos autores formam o emprego da “argumentação pelo exemplo” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014).

Por fim, o outro aspecto diz respeito ao efeito ou influência da argumentação (“3. A argumentação dos autores interferiu no que você pensa a respeito do tema

discutido? ”), proporciona um espaço para que o discente, em seu entendimento, possa aceitar ou não determinado ponto de vista.

Na seção denominada “Um olhar para a língua” é retirada uma frase do texto “A paz pode ser semeada em qualquer lugar, o tempo todo” e são verificadas as expressões de tempo e lugar. Após isso, há um quadro com a noção de advérbio e locução adverbial. Segundo o livro didático, advérbios são palavras que mudam o verbo para indicar situações da ação verbal. Já locução adverbial é o grupo de duas ou mais palavras que têm o valor de advérbio.

A análise articula a utilização dos advérbios como uma maneira de organização argumentativa. O caminho apresentado pelos autores do livro didático em questão parte de uma circunstância geral: “A paz pode ser semeada em qualquer lugar, o tempo todo” para exemplificar com situações específicas (“na escola”, “no jornal”, “em suas crenças”, “em suas famílias ou comunidades”, “em diversas cidades da Europa”). As expressões de advérbio de lugar são trabalhadas como uma estratégia de argumento na criação do texto.

Os aspectos do texto podem possibilitar ao educando concluir que em um texto são expressos pontos de vista, fundamentados pelo elemento da argumentação. O aluno pode apreender as visões de mundo, os valores defendidos nos textos por seus respectivos autores, podem usar estes argumentos como um parâmetro avaliativo.

Os autores do livro didático analisado, quando propõem uma sistematização, fazem uso de um discurso explicativo e interativo. Nesse discurso, o aluno é direcionado a perceber os argumentos que rebatem outros argumentos, em que desenvolvem a tensão, o confronto de valores e o conflito. O gênero artigo de opinião, nessa situação, seria um texto em que sua essência favorece a luta de valores.

Um discurso feito pelos autores, em primeira pessoa do plural, na proposta norteadora para o aluno, tem a representação de uma voz que gera influência sobre os discentes ao esperar posicionamentos responsivos do leitor: “propomos que produza” (BAKHTIN, 2006), ofertando a possibilidade de “responder” ao enunciado.

No decorrer do capítulo se observa que as ações atribuídas ao estudante indicam que o objetivo é levá-lo a refletir sobre as ações e a observar a constituição do objeto de conhecimento apresentado pelo livro didático. Além disso, se pressupõe que o aluno já tem noção do que é argumentação e como se criam e se organizam esses argumentos. Também se pressupõem que alguns alunos tenham alguma resistência em escrever, seja pela dificuldade ou pela insegurança.

O material visa fornecer subsídios para que o estudante escreva um artigo de

opinião, corroborado pela utilização de advérbio de intensidade, retomando os conteúdos demonstrados no capítulo, como argumentação, construção de argumentos e organização das estratégias argumentativas.

A seguir, as orientações para auxiliar o aluno na produção escrita:

Figura 4 – Orientações para a produção do artigo de opinião

1. Selecione as ideias que deseja defender em sua tese. Antes de iniciar, planeje em que sequência pretende desenvolvê-las. Caso necessite, construa um esquema para organizá-las, semelhante ao que foi apresentado neste capítulo:
 - Introdução – apresentação da tese (problematização).
 - Argumentação (organização em parágrafos).
 - Conclusão.
2. Verifique de que maneira vai sustentar suas ideias, que argumentação pretende utilizar: vai apresentar dados estatísticos ou científicos? Relações de causa e consequência? Exemplificações?
3. Evite as generalizações usando frases como: “**Ninguém** se preocupa com os problemas da cidade” ou “**Todo mundo** sabe que a situação é crítica”.
4. Os artigos de opinião costumam ser escritos em linguagem formal. Se também for empregar expressões coloquiais, verifique o melhor momento para fazê-lo, observe se são pertinentes e se combinam com o restante do texto.
5. Lembre-se de que as ideias que pretende defender precisam ser construídas. Para isso, verifique que palavras de ligação vai usar para marcar essas relações.

Fonte: Coleção *Tempo de Aprender*, Livro do aluno, p. 64, vol. 3.

A atividade tem um diálogo com a teoria, pois o movimento discursivo dos autores, por meio de explicações, exposições, questionamentos e definições norteiam os discentes na etapa de construir, organizar, classificar e interpretar argumento. O tratamento dado ao texto argumentativo pode ser verificado com a escolha dos textos que têm caráter argumentativo. O ensino da argumentação ocorre por meio de distintos gêneros, autorias e estilos, atendendo, pelo menos em parte, a alguns elementos da argumentação como dimensão argumentativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi analisado o processo de representação do texto argumentativo como objeto de ensino em um livro didático para EJA, o qual tem a finalidade de ensinar aos alunos do 8º ano do ensino fundamental o que é argumentar e defender opiniões.

Faz-se necessário que o docente prepare um bom material para mudar a realidade do ensino na escola, em que lacunas teóricas e metodológicas cedam lugar a um não-ensino. Também que elabore e faça uso de um material com estratégias diversas para as suas aulas, enfatizando, por exemplo, os tipos de argumento: argumento de autoridade, argumento de provas concretas, argumentação lógica, entre outras possibilidades, desde que em situação discursiva bem encaminhada. Dessa forma, a utilização dessas estratégias poderá auxiliar na compreensão do processo de leitura e de escrita.

Porém, como o espaço discursivo é aberto, há possibilidade de encontrar marcas de resistência na escrita dos estudantes, por motivos variados. No entanto, quando se oferecem ricas oportunidades pedagógicas, há uma grande chance de que haja argumentação e autoria por parte dos alunos. Para que isso ocorra, o professor pode realizar um trabalho com leitura e com o discurso polêmico dentro da escola, como foi percebido no material didático analisado.

Da mesma forma, pode-se propor a criação de espaços para que os estudantes possam apresentar seus posicionamentos e o direito de serem ouvidos. Isso é fundamental para o desenvolvimento da prática argumentativa. Ajudar na compreensão dos textos lidos, de modo a facilitar o desenvolvimento de uma prática que leve a uma boa argumentação, tanto escrita como falada.

Em se tratando da análise feita do livro didático do 8º ano, foi possível realizar uma reflexão sobre como as unidades estão dispostas, tendo como objetivo a escrita argumentativa. O que se pode perceber, também, no livro didático analisado é que existe a ausência de determinadas circunstâncias, das polêmicas e tensões que atravessam os discursos da realidade social, fazendo com que os alunos tenham mais dificuldade na realização de uma reflexão mais aprofundada e alcance um posicionamento crítico.

É necessário que a produção de escrita argumentativa seja entendida como uma prática social que vai além da sala de aula e de textos escritos apenas para o

docente. Tendo o livro didático como objeto de cultura, a seleção dos textos e as perguntas interpretativas podem auxiliar na prática discursiva ao passo que assumem a língua como uma atividade de posicionamento do ser humano frente às temáticas polêmicas

Por vezes, o livro didático é o único livro que um aluno da EJA (Educação de Jovens e Adultos) vai fazer uso na sua vida escolar. Dessa forma, é preciso que esse material seja elaborado de forma ética, contemporânea e pedagogicamente rica e inovadora, em toda a sua totalidade.

O livro analisado mostra algumas pistas de argumentos, como exemplos, depoimentos, fatos, dentre outros, entretanto, não são exemplificados e nem debatidos com os alunos os seus usos e seus efeitos no interlocutor e isso pode dificultar o entendimento e a aplicação de recursos e estratégias argumentativos pelos estudantes, especialmente, na hora da escrita. O Livro Didático precisa se voltar para a elaboração de proposta, na perspectiva discursiva, levando em consideração a argumentação como uma atividade essencial na vida e na escola.

Vale lembrar que a argumentação é uma prática. Dessa forma, o trabalho com esse domínio discursivo (argumentativo) está mais para a experiência humana do que para marcas linguísticas. A argumentação é uma forma de organização do discurso. Nesse sentido, sugere-se que o livro didático analisado seja visto pelo professor como um material de apoio apenas, pois as atividades propostas necessitam ser extrapoladas.

Conclui-se que existe, ainda, muito trabalho a ser desenvolvido para que as propostas didáticas apresentadas no livro didático se atentem para um trabalho efetivo de argumentação, com o intuito de fortalecer o senso crítico dos estudantes. Para isso, precisa-se de políticas públicas de formação de professores e um maior rigor, por parte do MEC/INEP na recomendação e na compra de livros didáticos que estão circulando entre nós, a favor do desensino.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **A Arte de Argumentar: Gerenciando Razão e Emoção**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

AMOSSY, R. Nouvelle rhétorique et linguistique du discours. *In*: KOREN, R.;

AMOSSY, R. (Orgs.) **Après Perelman: quelles politiques pour les nouvelles rhétoriques?** Paris: L'Harmattan, 2002. p. 153-171.

AMOSSY, Ruth. Argumentação e análise do discurso: perspectivas, teóricas e recortes disciplinares. *In*: EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011.

AMOSSY, **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 45.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1952-1953]. p. 261-306.

BAKHTIN, M. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 337-357.

BERLAND, L. K.; REISER, B. J. Classroom communities" adaptations of the practice of scientific argumentation. **Science Education**, v. 95, n. 2, p. 191-216, 2011.

FERNANDES, G.; RODRIGUES, A.; FERREIRA, C. A. R. **Os fundamentos essenciais da argumentação no ensino de ciências: um estudo a partir das unidades, elementos taxonômicos e qualidade do argumento**. 2018.

GUESPIN, A. **Problema tique des travaux sur le discours politique**. Paris: Larousse, 1971. -Langages, n. 23).

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto. 2015.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCK, Ingedore G. e ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

LEAL, L. de F. V. **Apontamentos sobre a linguagem**. 2021. Texto inédito.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, J. A. de.; BESSA, J. C. R. A construção argumentativa do dizer do aluno na produção textual escrita no ensino médio. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, p. 801-820, 2020.

PACÍFICO, S. M. R. **Leitura, escrita e autoria nas séries iniciais do Ensino Fundamental**. Trabalho de pós-doutorado. UNESP-Araraquara, 2013.

PAULINELLI, M. P. T. Retórica, argumentação e discurso em retrospectiva. **Linguagem em (Dis)curso–LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 391-409, maio/ago. 2014.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Trad. M. E. A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

RIBEIRO, A. P. Argumentação e (m) discurso pedagógico: sentidos sobre o fracasso escolar. **VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso –ALED –Brasil**. São Carlos, 27-30 de julho de 2016.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24^a ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SERRA, P. **Retórica e Argumentação**. Universidade da Beira Interior. 1995.

SILVA, C. O. et al. **EJA 8º ano**, Vol. 3. 2.ed. São Paulo: IBEP, 2009, Coleção *Tempo de Aprender: Língua Portuguesa*.

SOUÉID, N. de O. **Ensino da argumentação em livro didático na Educação de Jovens e Adultos**. 2013. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa), Universidade de São Paulo, 2013.

VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. São Paulo: Editora 34, 2017.

ANEXO

Música “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré.

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não

Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Pelos campos, há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas, marchando
Indecisos cordões

Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão

Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição
De morrer pela pátria
E viver sem razão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Somos todos soldados
Armados ou não

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não

Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/geraldo-vandre/46168/>